

letra

o jornal do alfabetizador



MALA DIRETA
POSTAL
9912240297 DR MG
CEALE/UFMG



ISSN 1808-0650



Belo Horizonte, novembro/dezembro de 2012 - Ano 8 **EDIÇÃO ESPECIAL**

Magda Soares através de textos



Magda Soares através de textos



Este número especial do *Jornal Letra A* presta uma justa homenagem à Profa. Magda Soares que, ao completar 80 anos, evidencia uma grande vitalidade que inspira o trabalho e as ações do Ceale. O efeito positivo da empreitada não está sob controle, já que a homenageada é alguém que está em evidência, mas que preserva a discrição. No entanto, justifica essa ação de quebrar a discrição o sincero desejo de reconhecer uma caminhada, de valorizar um trabalho, de agradecer uma história vivida, de compartilhar algumas trajetórias, de projetar muitos outros capítulos.

Em um dos eventos realizados no Ceale, com o intuito de introduzir a conferencista Magda Soares, o responsável pela apresentação fez uma longa lista de suas realizações que, ao final, gerou a seguinte reação da biografada: "como podem comprovar, trabalhei muito". De fato, não será muito difícil compartilhar essa avaliação. Nas várias seções que organizam este jornal, são apresentados exemplos que realçam essa disposição e essa disponibilidade para o trabalho, em diferentes frentes e em diferentes espaços. Os resultados estão presentes não apenas na dimensão quantitativa. A qualidade é que, na verdade, deixa as marcas que perpassam todos os relatos e depoimentos que ilustram o percurso das realizações. Nesse aspecto, ressalta a força agregadora de Magda Soares, que sabe tão bem partilhar e compartilhar experiências, o que certamente a habilita para o exercício de uma saudável liderança que promove o debate, a reflexão e possibilita os deslocamentos e as ações que resultam em práticas verdadeiramente educativas, já que são inspiradoras. Apenas esse traço já seria suficiente para exaltar a alegria do convívio com Magda Soares, já que o trabalho também pode ser momento

de confraternização. Essa herança é uma marca dos vários grupos de trabalho que se formaram e se formam sob sua inspiração.

Surge, então, um outro dilema que envolve essa iniciativa de homenagear: em função desse traço agregador, não faltam vozes para realizar a ação. Assim, o conteúdo aqui apresentado é apenas uma amostra de um sentimento de gratidão seguramente referendado por muitos outros que tiveram e têm o privilégio de interagir com a Magda Soares, através dos seus textos e nas suas múltiplas facetas. As palavras produzidas por Aparecida Paiva sintetizam uma avaliação partilhada:

"Magda Soares, mineira de Belo Horizonte, reúne em sua trajetória, tal como o próprio Estado natal, uma multiplicidade de facetas difíceis de serem abordadas isoladamente: uma das nossas maiores reservas intelectuais e éticas; uma professora ímpar, uma pesquisadora incansável, uma referência nacional reconhecida internacionalmente; uma pedra preciosa, lapidada ao longo de mais de cinco décadas de dedicação à Educação. Seu comprometimento com o ensino da Língua Portuguesa, desde o início de sua carreira profissional, sua atuação na área pedagógica, vem encontrando sustentação na sua produção acadêmica, que, ao caminhar, se reconstrói, se refaz, à luz de novas indagações e novas pesquisas. Desse modo, é inevitável que sua obra não se limite ao efeito de um trabalho ou uma ação pontual, porque sua marca é o constante movimento, a ação cotidiana transformadora da prática, o respeito e a sintonia com as demandas sociais".

Magda, parabéns nesta e em outras datas queridas...

Isabel Frade, Gilcinei Carvalho e Zélia Versiani

ISABEL CRISTINA FRADE E GILCINEI CARVALHO - Professores da Faculdade de Educação da UFMG, pesquisadores do Ceale e editores pedagógicos do *Letra A*

MARIA ZÉLIA VERSIANI MACHADO - Professora da Faculdade de Educação da UFMG, pesquisadora e diretora do Ceale

Assine o Letra A

Para assinar o *Letra A*, basta enviar e-mail para assinaturajornal@fae.ufmg.br ou ligar para (31) 3409 5334. Qualquer pessoa, escola ou empresa pode assinar o jornal, presentear um amigo ou doar a uma instituição!

Assinatura anual (4 exemplares)	R\$ 15
Exemplar avulso	R\$ 5
Pacote de 50 assinaturas	R\$ 12 (cada)



O jornal *Letra A* é uma publicação trimestral produzida pelo Ceale desde 2005. Seu principal objetivo é oferecer aos educadores e acesso permanente a referências que alimentem seu processo de formação e que os mobilizem para responder aos desafios da alfabetização e do letramento.

ENVIE SUAS CRÍTICAS E COMENTÁRIOS À EQUIPE DO LETRA A. ESCREVA PARA JORNALISMOCEALE@FAE.UFMG.BR OU LIGUE (31) 3409-5334.

EXPediente

Reitor da UFMG: Clélio Campolina Diniz | Vice-reitora da UFMG: Rocksane de Carvalho Norton | Pró-reitora de Extensão: Efigênia Ferreira e Ferreira | Pró-reitora adjunta de Extensão: Maria das Dores Pimentel Nogueira
 Diretora da FaE: Samira Zaidan | Vice-diretora da FaE: Maria Cristina Soares Gouvêa | Diretora do Ceale: Maria Zélia Versiani Machado | Vice-diretora do Ceale: Isabel Cristina Frade
 Editores Pedagógicos: Gilcinei Carvalho e Isabel Cristina Frade | Editora de Jornalismo: Cecília Lana (13409/MG) | Projeto Gráfico: Marco Severo | Diagramação: Daniella Salles
 Reportagem: Ana Carolina Martins, Bianca de Andrade Martimiano, Cecília Lana, Júlia Pelinson, Laura Ribeiro Araújo e Lorena Calonge | Revisão: Lúcia Helena Junqueira

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP 31 270 901 Belo Horizonte - MG Telefones (31) 3409 6211/ 3409 5334 Fax: (31) 3409 5335 - www.ceale.fae.ufmg.br



Qual a importância de Magda Soares...

...no cenário acadêmico da educação brasileira?



Foto: Arquivo pessoal

CARLOS ROBERTO JAMIL CURRY - Professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG

Na última Reunião Anual da ANPEd, a professora Magda Becker Soares foi agraciada com a "Estatueta Paulo Freire", uma homenagem que reconhece sua importância no desenvolvimento da educação brasileira.

Na década de 70, li uma pequena entrevista de Magda em uma revista semanal. Cruzava a noção de classe social com a de apropriação da norma culta. Desde lá, punha na agenda de suas reflexões e estudos a dupla necessidade:

uma interdisciplinaridade (no caso, Educação, Sociologia e Letras) e uma intencionalidade que não encarcerasse a teoria nos limites da academia. Agora, já nesta segunda década do século XXI, uma entrevista dada pela professora Magda a outra revista da área evidencia essa coerência recheada de uma maturidade e clareza impressionantes quanto a vários desafios da educação.

Eu a conheci pessoalmente como diretora da Faculdade de Educação, convidado que fora como professor colaborador da mesma instituição, inclusive para reforçar o Programa de Pós-graduação. Logo nos informou que estava deixando a direção da Faculdade para se dedicar a uma reformulação do Programa de Pós-graduação, tendo em vista a democratização da escola. A vontade de dar um perfil à pós-graduação que articulasse a teoria e a prática ganharia um espaço institucional para que não só se interpretasse a educação: era preciso transformá-la. Aos poucos, a professora Magda foi fazendo escola em torno da escola. Foi fazendo escola em torno da alfabetização e do letramento. E nós fomos aprendendo com ela que o futuro da pós-graduação poderia combinar projetos autônomos dos estudantes com a capacidade intelectual instalada.

A ideia de Magda de um centro que articulasse uma radiografia da realidade escolar com uma rigorosa leitura teórica das experiências auscultadas necessitava de um polo institucional mais ágil e focalizado. Hoje, o Ceale, cuja criação se deve ao protagonismo da professora Magda, se impõe no cenário acadêmico nacional como referência obrigatória para novos estudos e pesquisas. Mas essa referência não parou por aí. Saiu, virtuosamente, do círculo acadêmico. Aos poucos, a pesquisa e a docência se fizeram extensão.

Não é à toa que a UFMG reconheceu o protagonismo universitário da professora por uma atuação que soube associar ensino/pesquisa/extensão. Foi ela agraciada com o prêmio FUNDEP. A Faculdade de Educação também reconheceu sua atuação na seara acadêmico-educacional, conferindo-lhe o título de professora emérita.

Pessoa séria e rigorosa na academia, afável e aberta ao diálogo, foi convidada nos idos dos anos de 1980 a ser presidente de área com a árdua tarefa de conduzir a avaliação dos programas, avaliar pedidos de bolsas para o exterior e visitar programas em processo de consolidação. Convidada para vários Conselhos, para consultorias, para bancas, não descuidou da produção bibliográfica voltada para o professor atuante na escola e carente de apoios sólidos. Teoria e prática continuaram a ser trabalhados junto aos próprios docentes em uma ação em que o *para com se fez junto com*.

...no cenário da educação básica brasileira?

A Professora Magda Soares é uma acadêmica (re)conhecida entre professores em exercício. É uma pesquisadora e uma pensadora da educação que tem trabalhado com rigor em torno de conceitos voltados à educação na área da linguagem e que, ainda assim, produz discursos que dialogam com professores, a ponto de serem por eles apropriados.

Parece-me que isso se deve a uma virtude fundamental do trabalho intelectual da Professora Magda: produz-se na reflexão rigorosa, mas não tira a legitimidade da escola como interlocutora; dentro de um enquadramento de valorização da escola, produz suas perguntas. Dois bons exemplos: a discussão sobre o tema da "escolarização" e os caminhos que tomaram suas discussões sobre letramento e alfabetização. Quanto ao primeiro, no meio acadêmico, produziu-se historicamente uma conotação negativa do adjetivo *escolarizado*. Ora, vem a Profa. Magda e declara com a maior naturalidade que o que se faz na escola é escolarizado, o que não é necessariamente ruim. E propõe que se pense: o que é uma boa e o que é uma má escolarização?

Quanto ao tema da alfabetização e do letramento, ela é uma das grandes difusoras do debate sobre letramento. Mas isso não a leva a trivializar a alfabetização. Mais importante, nota-se em seus escritos uma observação constante dos efeitos da leitura desses termos pelos atores na escola, de tal modo que ela mesma trata de recuperar a importância de se falar em alfabetização e de se refletir sobre como alfabetizar letrando.

Isso, a ponto de ter escrito, em 2008, um texto cujo título pergunta: "O que funciona na alfabetização?". Não está aí uma bela pergunta de professora? A resposta e a complexidade da reflexão têm fortes conotações acadêmicas, mas a formulação do problema legitima uma pergunta de professor; quem está na sala de aula com estudantes quer saber o que funciona na sala de aula!

Outra razão para sua importância está em não se ter furtado a algumas tarefas importantíssimas no cenário da educação básica, como a participação no debate público, até mesmo oficial, sobre os investimentos em educação. A Professora Magda esteve envolvida na gestão e criação de alguns dos nossos mais importantes programas públicos de investimento em Educação, como o PNBE e no PNBE do Professor; já se fez ouvir até mesmo na UNESCO.

Quanto aos livros didáticos, as coleções de autoria dela configuram um discurso positivo, que pode ser compreendido em suas relações com práticas emancipatórias e produtivas de ensino-aprendizagem de maneira muito mais direta e concreta do que nossos discursos conceituais. Trabalho nos estágios de docência em Língua Portuguesa, e faz uma enorme diferença mostrar aos estagiários uma coleção como *Português: uma proposta para o letramento* e com eles discutir uma materialização coerente do que acreditamos ser uma boa pedagogia da língua.

Enfim, acho que Magda Soares tem importância no cenário da educação básica porque se construiu como uma professora-pensadora; essas identidades não se dissociam na sua produção e nas suas ações. Essencialmente por isso, professores do presente e do futuro reconhecem e reconhecerão seu legado.



Foto: Arquivo pessoal

LUCIENE SIMOES - Professora e pesquisadora ligada ao Programa de Pós-Graduação em Letras na área de Linguística Aplicada da UFRGS



Alfabetização

As concepções que adotamos sobre alfabetização – quer como campo de investigação, quer como prática de ensino-aprendizagem –, são históricas e vêm passando por profundas transformações. No primeiro âmbito, o da pesquisa acadêmica, aprendemos, desde os anos 1980, a tratar a alfabetização como um fenômeno complexo, que merece ter suas distintas facetas (linguística, sociolinguística, antropológica, psicológica, psicolinguística, didática etc.) finamente tratadas por cada uma das áreas especializadas de conhecimento sob as quais é estudada. Tal olhar sobre nosso *fenômeno multifacetado*, por sua vez, tem se revelado essencial para avançarmos na outra dimensão do que designamos como alfabetização: a prática social de ensinar e aprender a escrita alfabética, à qual

corresponde uma concepção de indivíduo alfabetizado. Se, na década de 1950, o censo brasileiro passou a identificar como alfabetizada a pessoa que dizia saber ler e escrever um bilhete simples, no final daquele século, começamos a conceber que alfabetizado é o cidadão que, por dominar a *tecnologia* que é a escrita alfabética, consegue ler e produzir gêneros textuais escritos, nas práticas sociais nas quais são empregados, no dia a dia.

No bojo de tão grande mudança, fomos chamados a reconhecer as especificidades e a indissociabilidade dos conceitos de *alfabetização* e *letramento* e, sob essa nova perspectiva, passamos a defender que o ideal é que a escola *alfabetize letrando*, isto é, que ensine o sistema de escrita alfabética, no contexto das práticas em que

as pessoas interagem, através da leitura e da escrita. No lugar dos antigos métodos, que ensinavam apenas a "codificar" e a "decodificar" palavras, instigando os principiantes a uma *desaprendizagem dos usos e das funções sociais da língua escrita*, temos lutado por reinventar nossas metodologias de alfabetização.

Depois da grande difusão de certos enfoques teóricos, que priorizavam explicações sobre como a criança aprende, sem se deter no exame do como ensinar, a atual *reinvenção da alfabetização* requer que, levando em conta a faceta linguística do objeto (escrita alfabética), busquemos soluções didáticas que auxiliem o aprendiz a, efetivamente, aprender a tecnologia-alfabeto, ao mesmo tempo em que a utiliza na leitura e na produção de textos.



ARTUR GOMES DE MORAIS - Professor da UFPE e pesquisador do CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem)

Ensino de Português

Na organização das disciplinas e em sua história, os livros didáticos desempenham um papel central, especialmente em contextos educacionais em processo de estruturação ou transformação. Isto ocorre porque os manuais objetivam concretamente as diretrizes abstratas da legislação e do currículo, bem como realizam uma ponte entre os princípios gerais que podem sustentar a formação inicial de professores e o senso prático que só se constrói na atuação em sala de aula.

Na história recente do ensino de Português no Brasil, a consciência desse papel central do livro didático esteve quase sempre obscurecida. A exceção é obra de Magda Soares. Poucos professores universitários produziram coleções didáticas com tão forte preocupação com a formação do docente e como forma deliberada de introduzir inovações pedagógicas relevantes para o aprendizado da língua.

Uma análise sistemática das cinco coleções (e um manual de redação) revelaria um conjunto de permanências e rupturas que permitem caracterizar o ensino de Português entre a década de 1960 e hoje. Revelaria também, ainda, soluções que progressivamente são incorporadas por outros manuais, tornando-se parte do ensino da disciplina.

A ideia de que se ensina a língua através de textos é uma dessas soluções que rapidamente se difundem. Rapidamente também se difunde o esquema de organização de seqüências didáticas planejado em torno do estudo do texto, da gramática e da redação, apresentado por sua primeira coleção, bem

como os novos princípios de seleção textual que então utiliza. Esses princípios rompem com uma seleção que privilegiava escritores do século XIX e uma forte presença lusitana. Entre o jornalismo e a literatura, a crônica vai fazer sua entrada na sala de aula e tornar-se um dos gêneros de maior apelo didático das últimas décadas do século passado.

Os manuais para o professor apresentam os fundamentos da proposta, quadros com os objetivos dos distintos componentes. Cada atividade vem acompanhada da explicitação de sua finalidade e de sugestões de encaminhamento didático. Tudo isso permite ao docente exercer um controle sobre o livro, pois entende as razões e os pressupostos que o orientam e pode assim tomar decisões fundamentadas.

A leitura, desde a década de 1980, ganha autonomia do texto, sendo tratada como um conjunto de habilidades de compreensão. O mesmo ocorre com a produção de textos, que passa de modelos retóricos e baseados em tipos a modelos discursivos. Desde os anos 1970, a oralidade está presente nas propostas didáticas.

Apesar das rupturas, porém, há um mesmo princípio em operação, presente desde a primeira coleção. Como o texto é a base da organização das unidades que compõem os livros, sua temática serve de fio condutor para o conjunto das atividades propostas, o que impede que elas se tornem excessivamente abstratas, sem referência para o aluno.

Eu gostaria de ter feito uma pesquisa sobre o ensino de Português no Brasil utilizando como fonte central as coleções da Magda, mas minha proximidade com ela desaconselhava a empreitada. Aproveito a ocasião desta comemoração para mostrar a possibilidade e convidar outros pesquisadores menos envolvidos com a autora a realizá-la.

Eu não poderia perder a ocasião para dizer também que, recém-formado, tive a sorte de começar minha carreira como professor de Português usando uma das coleções da Magda, a "Novo Português através de textos", da década de 1980. Como a escola era nova, eu tinha turmas de 5ª a 8ª e estava sem dormir e em pânico. Foram os livros que me ensinaram a ser professor, com suas grades de objetivos de leitura, redação, gramática, vocabulário. Nunca mais parei de fazer os mesmos quadros, que imitava em folhas de papel almaço coladas com durex. Eu formei minha biblioteca de professor com as sugestões de leitura do livro. Eu me lembro dos textos de leitura. Sei alguns quase de cor: "foi quando muda de perplexidade vi o presente entrar em casa já comendo banana e jogando a casca onde caísse" (Clarice Lispector, 6ª série). Às vezes tinha a sensação de que as atividades eram como de alguém que fazia poesia: adiar, procrastinar, protelar, retardar (8ª, série sinônima)

O livro me formou. Ele controlou minha ansiedade e minha necessidade compulsiva de fazer planejamento. Eu comecei a dormir. As ilustrações monocromáticas eram lindas. Guardo os livros comigo. Guardo sempre Magda comigo.



ANTONIO AUGUSTO GOMES BATISTA - Ex-diretor do Cealpe, coordenador de Pesquisas do Ceapcc (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária)



Marcas na formação e na trajetória de duas professoras

Falar de Magda é falar da força de seu trabalho em nosso processo de formação. Ela entrou em nossa vida por caminhos diferentes.

Eu, Maria Angela, a conhecia de nome, e a vi, pela primeira vez, no pátio do Colégio de Aplicação, final dos anos 60. A convite de Alaíde Lisboa de Oliveira, professora de Metodologia da Alfabetização, Magda iria falar para nossa turma de normalistas. Os olhos esverdeados, o cabelo puxado por um lenço ou uma tiara de tecido, muito jovem e bonita, Magda discorria de modo suave, porém incisivo, sobre leitura e escrita. Nos anos seguintes, cursando Letras na FALE/UFMG, ainda não teria o privilégio de tê-la como professora, mas bebia cada uma das orientações da sua "apostila" *Didática de Português*. Como professora de português, nutria-me com as propostas contidas na sua coleção de didáticos, *Português através de textos*, obra muito adotada em escolas de BH e que mudaria os rumos do trabalho com o texto. Nos anos 1970, morando no Rio de Janeiro e lecionando na rede pública, fui testemunha mais uma vez da competência da nossa mestra, percorrendo a respeito de seu novo trabalho, *Comunicação em Língua Portuguesa*, para um auditório repleto de professores. Todos queriam conhecer a autora de uma obra cuja proposta fomentava as discussões nas salas de professores e nas reuniões de coordenação de línguas, nas escolas. De volta a BH, inserida no Programa de Pós-graduação da FaE/UFMG, tive, finalmente, a oportunidade de conviver mais de perto com Magda, de quem me tornaria não só amiga, mas aluna e orientanda.

Já eu, Graça, não tive o privilégio de ser aluna da Magda. Eu fui/sou a aluna virtual, não presencial. Formei-me trabalhando com os livros didáticos dela, lendo a produção acadêmica, sendo aluna dos alunos dela, como o professor Edson Nascimento Campos, e convivendo com alunos dela, como Maria Angela. Nesse sentido, ela foi minha "Mestra à distância".

De fato, a admiração por Magda crescia à medida que também vivenciávamos, pela *práxis*, o trabalho com a língua, a linguagem e os textos. Professoras da rede municipal de Belo Horizonte, trabalhamos durante alguns anos com o *Novo português através de textos*, coleção de didáticos que inaugurava uma perspectiva discursiva da língua, tendo a sociolinguística e a linguística textual como vetores do trabalho com a diversidade de gêneros e de usos da língua. A opção por essa abordagem nos impulsionava para uma ação docente reflexiva, cujo fundamento levasse em conta o que mais nos impressionava em Magda: o diálogo e a interação entre saberes e agires. Quando veio a ideia de elaborar um material didático, em parceria, dedicamos nosso trabalho a ela, como reconhecimento por tudo o que Magda significou para nós e que considerávamos o seu maior legado: a capacidade de ler não somente o mundo, mas o tempo, as pessoas e suas possibilidades, na transversalidade das diferenças e no questionamento do estabelecido.



GRAÇA SETTE e MARIA ANGELA PAULINO T. LOPES
Escritoras: autoras de *Para ler o mundo*

Eterna Mestra

Impossível escrever sobre a Magda sem voltar a 1962, em Belo Horizonte. À Rua Carangola, que abrigava o prédio grande e moderno da FAFICH e, pertinho, o pequeno e antigo, do Colégio de Aplicação.

No prédio grande e moderno, no curso de Licenciatura, conheci – e nunca mais esqueci – a professora de Didática Especial de Português, à primeira vista simpática, culta e competente. Somente à primeira vista. Poucos, pouquíssimos dias de convívio bastaram para que ela se revelasse mais que isso. Muito mais.

Seus olhos expressivos, sua voz clara e sua fisionomia iluminada enriqueciam nossas manhãs universitárias demonstrando, com imensa simplicidade, que o magistério, mais que uma profissão, podia ser uma missão.

Ao mesmo tempo, no prédio pequeno e antigo, conheci – e nunca mais esqueci – a professora que, rosto sereno, olhos atentos e encorajadores, acompanhava, pacientemente, do fundo da velha sala de aula, meus primeiros, indecisos e imprecisos passos de estagiária. Estagiária pretensiosa que sonhava, um dia – quem sabe? – seduzir e emocionar os próprios alunos, à imagem e semelhança da Mestra.

Tanto tempo passado, recebo, aqui em São Paulo, um convite honroso: lembrar a Mestra.

Nada mais fácil. Nada mais fácil que lembrar alguém sinônimo de simplicidade, sedução, clareza, emoção, simpatia, cultura, competência, serenidade, coerência, alegria, coragem. Generosidade.

Há alguns anos, a convite de Sônia Junqueira, Magda Soares escreveu e assinou, generosamente, o prefácio de um livro que Ronald Claver, outro ser privilegiado (também foi seu aluno) e eu acabáramos de escrever.

Ao ler aquele prefácio que afirmava - com conhecimento de causa - que Ronald e eu havíamos dado conta de nossa lição de casa, tive duas certezas.

A primeira me dizia que, se tudo aquilo era verdade, não fazíamos tanta vantagem assim: com uma Mestra daquelas, uma eterna Mestra, o esperado era que tivéssemos aprendido a ler, a escrever, e – sobretudo – a pensar razoavelmente.

Minha segunda certeza me dizia e me diz, a cada releitura daquele prefácio, que emoção não mata. Nem saudade.



VIVINA DE ASSIS VIANA
Escritora de livros para crianças

O exercício da paixão serena

Por causa dela, desisti de ser professora.

O ano era 1969. Era o quarto e último do curso de Letras da UFMG, quando faríamos as chamadas "matérias pedagógicas" pra obter a licenciatura.

Meu curso era de Português "puro" (sem uma língua estrangeira), e minha turma tinha oito aulas por semana com a Magda, quatro de Didática Geral, quatro de Didática de Português (e logo isso viraria motivo de "inveja" das outras turmas...).

Como tantas e tantas turmas anteriores, cumprimos o "roteiro-padrão": saímos da poesia e do encantamento das matérias literárias dos três primeiros anos pra mergulhar na *Geografia do subdesenvolvimento*, livro de Yves Lacoste que foi nossa primeira leitura no curso. Na esteira dele e de tantos outros, toda uma conscientização sobre o que significava ser professor numa escola como a nossa, num país como o nosso, naquele nosso tempo.

Não havia poesia: pela mão da Magda, a realidade ia se tornando concreta, urgente. Ela avançava e nos levava junto, o olhar atento, amoroso: parecia enxergar além de nós sem nos perder de vista. Sabia ver e extrair e respeitar o melhor de cada um. Era nossa cúmplice, e sua entrega era inteira, intensa, apaixonada. E serena, porque olhava de Sirius, percebia a dimensão das coisas. Pela mão dela,

a gente aprendia a pensar, a perguntar, a procurar. A ler o texto e o mundo. Ela nos ouvia, sempre. E acreditava, e insistia. E a gente também se procurava, se descobria. Não havia poesia, mas havia beleza.

Descobri: ser professor é isso, essa entrega, essa paixão, essa inteireza. É ter o ensino como missão e nunca, nunca mesmo, se afastar desse propósito. Percebi também que ser professora, pra mim, só valeria se fosse daquele jeito, do jeito dela.

E eu soube, naquele ano, que não abraçaria a profissão.

Algum tempo depois, já morando em S. Paulo, foi por uma dica da Magda que acabei encontrando o objeto da minha paixão (nunca serena, mas paixão...): a edição, principalmente, e a escrita de livros pra crianças. E nunca, nunca mesmo, me afastei disso.

Como não me afastei dela – a mestra, o exemplo, a referência. Acima de tudo, a amiga. Que até hoje, de vez em quando, me ensina, pra vida e pro texto, como no primeiro trabalho, 43 anos atrás, uma existência inteira! "o que você escreveu depois do travessão não tem a ver com o que escreveu antes". E eu, agradecida, corro atrás de criar elos entre o antes e o depois dos meus travessões.



SÔNIA JUNQUEIRA
Editora e escritora de livros para crianças



Legado acadêmico

Dona de uma produção teórica de peso, a professora Magda Soares nunca deixou de refletir sobre os desafios do ensino público brasileiro

por Laura Ribeiro Araújo

Com extensa produção teórica e didática, Magda Becker Soares é uma referência no campo dos estudos educacionais. Dentre seus livros publicados, há destaque especial para os títulos *Letramento: Um Tema em Três Gêneros* (1998), *Linguagem e Escola* (1986) e *Alfabetização e Letramento* (2003), que discutem temas como alfabetização, letramento, fracasso escolar e bidialetalismo. Ao que tudo indica, as principais ideias defendidas pela pesquisadora nessas obras ainda permanecerão atuais por muito tempo.

Alfabetizar letrando

O termo "letramento" passou a integrar o vocabulário dos professores brasileiros a partir do fim do século XX, momento em que cresceram as taxas de escolarização da população. Uma vez que o ensino ampliou sua área de influência para outras camadas da sociedade, os cidadãos passaram a desejar algo mais do que apenas decifrar palavras: redigir documentos, interpretar recados, traduzir bilhetes e ofícios. Todas essas necessidades passaram a exigir a aplicação social do código escrito.

Como Magda Soares descreve em *Letramento: Um Tema em Três Gêneros*, dissociar a alfabetização do letramento na prática do ensino pode até formar alunos que sabem ler e escrever, mas eles provavelmente encontrarão dificuldades para desenvolver hábitos de leitura de jornais, revistas e livros, bem como habilidades para interpretar textos e redigir diferentes gêneros textuais. Para Magda, o ideal seria a prática do *alfabetizar letrando*, que corresponde a ensinar a ler e a escrever sem perder de vista o contexto das práticas sociais de leitura e escrita e sua aplicação no dia a dia. "A ideia é entender que alfabetização e letramento andam juntos, e que esse caminhar começa na educação infantil", explica a professora da Universidade Federal de Pernambuco Ana Carolina Perrusi, que viu em Magda uma referência para si.

Crianças aprendem ativamente

Em *Alfabetização e Letramento*, publicado em 2003, Magda Soares faz uma releitura de seus artigos publicados ao longo de um período de 13 anos. No conjunto dos textos, destaca-se a concepção defendida por Magda de que o aprendiz, sujeito ativo no processo da alfabetização, é quem define seus problemas e, ávido por respostas, descobre as possíveis soluções. Trata-se de uma crítica aos métodos tradicionais de ensino, que consideram a criança como passiva no processo da aquisição da língua escrita e que, além disso, partem da premissa de que o aluno precisa atingir determinados estágios para a aprendizagem. É como se, para que possa ser alfabetizada, a criança tenha que ter atingido certa "maturidade" cognitiva. Segundo Magda, a consequência direta dessas teorias mais tradicionais é que qualquer dificuldade que surge no processo de alfabetização é entendida como deficiência do aprendiz.

Clássico

O mais conhecido dos textos reunidos em *Alfabetização e Letramento* é, sem dúvida alguma, o artigo *As múltiplas facetas da alfabetização*, publicado originalmente em 1985. Para a especialista em História da Educação e vice-diretora do Ceale, Isabel Cristina Frade, o artigo pode ser considerado um clássico, tanto pela originalidade quanto pela inauguração de um campo epistemológico para a alfabetização. "Nesse texto, a alfabetização, tratada até então como uma questão metodológica e com forte ênfase na psicologia, é apresentada por Magda como fenômeno complexo, envolvendo várias áreas de conhecimento e dimensões linguísticas, antropológicas, sociológicas, pedagógicas, dentre outras. A abordagem original do tema situa o campo de pesquisa sobre alfabetização na fronteira multidisciplinar e integrada", explica Isabel.

Perspectiva social

Os problemas da educação nas camadas populares brasileiras sempre motivaram os questionamentos de Magda Soares. Em 1986, ela publicou *Linguagem e Escola – Uma Perspectiva Social*, livro no qual apresenta temas relativos ao fracasso escolar e às diferenças linguísticas e discute possíveis soluções para o problema.

A teoria do fracasso escolar proposta por Magda encontra apoio em sua própria afirmação de que "a escola existe antes *contra* o povo do que *para* o povo". O argumento é fortalecido pelas altas taxas de repetência e evasão na escola, o que revela que "os que conseguem entrar na escola, nela não conseguem aprender, ou não conseguem ficar". No centro dessa questão, Magda destaca com especial importância o papel da linguagem: "É a linguagem o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão". Segundo a autora, muito além de uma tarefa técnica, ensinar a língua é também uma questão política. Nas palavras de Magda, é papel do educador ter o "compromisso com a luta contra as discriminações e as desigualdades sociais". Ela acredita que a aceitação das várias formas de linguagem dentro de sala de aula ajuda a diminuir as diferenças sociais.

Artur Gomes de Moraes, professor titular do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, afirma que a teoria do bidialetalismo, bastante discutida por Magda, é um norte para qualquer ensino de língua materna que pretenda reduzir as desigualdades sociais e promover o respeito pela fala dos alunos das camadas populares. "Ainda nos dias de hoje, o ensino de análise linguística demanda o uso do conceito de bidialetalismo. Ele é de suma importância para repensar a maneira como a norma linguística de prestígio é tratada ao lado das variedades populares usadas pelos alunos em sala de aula", diz o pesquisador.

Contribuição para o campo da alfabetização



BRIAN STREET – Professor titular de Linguagem na Educação do King's College da Universidade de Londres e pesquisador visitante do Ceale

Devo a Magda muito de minhas reflexões em torno do termo "letramento", pois faço uso desse conceito para me concentrar mais nos processos que envolvem os usos da leitura e da escrita em situações sociais do que nas limitadas habilidades do uso tradicional do termo "alfabetização".

No 33º encontro anual da ANPEd, participei de uma mesa com um companheiro que argumentou que o termo "alfabetização" poderia ser empregado em ambos os sentidos – para designar habilidades específicas de leitura e escrita ou usos sociais mais amplos. Escolhi desafiar essa visão e acabei recorrendo ao trabalho de Magda Soares. Em 1992, em um encontro anterior da ANPEd, ela havia argumentado:

Um problema teórico fundamental está na própria definição de alfabetização. Quando produzimos estatísticas sobre alfabetização, uma pergunta central pede resposta: o que é essa alfabetização que vem sendo analisada e medida?

Foi essa reflexão sobre a terminologia que levou, no Brasil, ao reconhecimento de que o termo "alfabetização" não compreendia plenamente as complexidades necessárias para avaliar e medir "o que é a alfabetização". O termo "letramento" levava a uma visão mais sofisticada. Algumas instituições ligadas à UNESCO têm apoiado essa visão. Por exemplo, o LAMP [sigla que, em português, significa Programa de Análise e Monitoramento da Alfabetização] tem feito a

pergunta "você sabe ler e escrever?" e formulado algumas críticas: *Responda "sim" e se juntará às fileiras dos chamados alfabetizados. Responda "não" e será considerado analfabeto. As estatísticas obtidas não refletirão todo o espectro de habilidades envolvidas nas competências de leitura e escrita.*

Novamente, Magda tem dado importantes contribuições para esse debate por meio de um projeto desenvolvido no município de Lagoa Santa. O objetivo do trabalho é evitar a dicotomia entre alfabetização e letramento e enfatizar práticas de linguagem dialógicas, como a produção de livros pelos próprios alunos, a reescrita de clássicos da literatura e o trabalho com diferentes gêneros textuais.

TRADUZIDO POR LAURA RIBEIRO ARAÚJO

Um outro tipo de aula de Português

Coleções didáticas de Magda Soares inauguraram, no Brasil, a concepção de ensino da língua a partir de seus usos sociais

por Bianca de Andrade Martimiano

Crônicas, histórias em quadrinhos, reportagens, entrevistas. Esses são alguns dos gêneros textuais que Magda Becker Soares trouxe para o livro didático nas décadas de 1960 e 1970. Há muitos anos, ela defende a importância desse tipo de livro como ferramenta de ensino e discute as possibilidades didáticas que ele oferece. Ao todo, Magda já publicou cinco coleções de livros didáticos: *Português através de textos* (1967), *Comunicação em Língua Portuguesa* (1973), *Novo Português através de textos* (1982), *Português através de textos* – coleção reformulada que foi publicada na década de 1980 com o mesmo título da primeira edição – e *Português: uma proposta para o letramento* (1999).

Todas as coleções tiveram boas críticas, mas a primeira continua sendo a de maior destaque e vendagem. Desde sua publicação, *Português através de textos* foi considerado um diferencial no mercado de livros didáticos. Segundo Geraldo Uduvaldo Fernandes, editor de livros didáticos da Editora Moderna entre os anos de 1980 e 2009, "esse livro rompeu com a tendência de se ensinar apenas a norma culta".

Apesar de as primeiras coleções terem sido publicadas há algumas décadas, elas são utilizadas por professores ainda hoje. "Durante o ano letivo, gosto de adotar diferentes livros e as coleções da Magda são uma referência para mim. Faço questão de retornar sempre a esses livros para trabalhar algum texto ou unidade", conta o professor do Centro Pedagógico da UFMG, Luiz Antônio Prazeres.

Nova concepção de ensino

Nas décadas de 1940 e 1950, a legislação pontuava regras específicas para o programa didático de Língua Portuguesa. "A maior parte das coleções de livros didáticos partia da hipótese de que ensinar a língua seria ensinar a norma culta, sem levar em conta dialetos, empréstimos linguísticos e variações", conta Geraldo Fernandes. Segundo ele, naquela época, a compreensão leitora era centrada na aprendizagem do vocabulário e da gramática, e a produção de texto era realizada a partir de temas descontextualizados: "A maioria das coleções adotava textos fragmentados de autores literários, escolha que não privilegiava uma compreensão profunda por parte do aluno. A finalidade do ensino não era comunicativa, mas voltada para o desempenho no registro da norma culta aprendida".

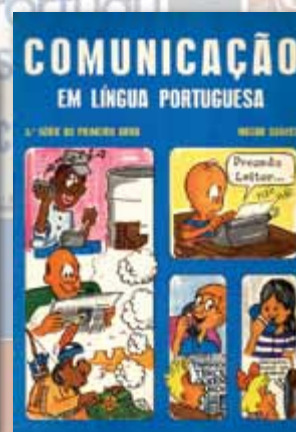
Tendo-se em mente esse cenário, pode-se compreender a revolução que a chegada dos livros de Magda Soares representou para o mercado editorial. Quando lançou seu primeiro livro, na década de 1960, Magda inaugurou uma nova concepção de ensino da língua. Suas produções ofereciam ensinamentos sobre linguística, semântica, estilos e registros de época e funções comunicativas dos diferentes textos em circulação na sociedade. A compreensão era trabalhada de maneira mais reflexiva e a gramática e as produções de texto, de forma contextualizada.

Segundo a doutora em Educação Maria Paula Parisi Lauria, que pesquisou a produção de livros didáticos de Português entre 1940 e 2000, uma tendência importante trazida por

Magda Soares foi a elaboração de manuais para o professor, ferramenta pouco adotada pelas coleções da época: "Certamente, os manuais tornaram a coleção mais completa. Eles eram uma inovação ligada à concepção de língua que Magda inaugurou", analisa. O professor Luiz Prazeres conta que, ao folhear os manuais do professor criados por Magda, era possível perceber a preocupação com a capacitação e a formação dos docentes: "Foram esses manuais que me ensinaram metodologias de ensino, aprendizagem e avaliação".

Quando lança a coleção *Comunicação em Língua Portuguesa*, na década de 1970, Magda e o coautor do livro, Adilson Rodrigues Pereira, explicitam a adoção de uma concepção do ensino de Português orientada por uma perspectiva da comunicação, ou seja, com destaque para os usos sociais da língua. "A linguagem passou a ser vista de uma maneira mais próxima da realidade, como comunicação. Além disso, estávamos preocupados em formar um aluno que fosse dotado de espírito crítico", afirma Adilson Rodrigues.

Profissionais que já trabalharam com as coleções de Magda destacam a preocupação da educadora em estimular o professor a não se limitar às ferramentas do livro didático, mas a buscar outros recursos de ensino. "Muitas vezes, os professores ficam presos ao livro-texto, do primeiro ao último dia de aula. A produção de Magda convida o professor a buscar outros materiais e atividades", conta o professor da PUC Mauro Passos, que já adotou esses livros didáticos em suas aulas no Ensino Fundamental.



Inspiração

A professora do primeiro ciclo Cristiane Néri Horta costuma adotar coleções de livros didáticos da professora Magda Soares para guiar suas aulas e está bastante satisfeita com os resultados. Ao realizar o trabalho de leitura e compreensão de um texto que tinha como ilustração a tela de um pintor famoso, Cristiane resolveu seguir o conselho que Magda dava no manual do professor: buscar informações sobre a vida do artista e sobre o museu onde a obra estava exposta. "A pesquisa de informações sobre o pintor me deu a oportunidade de trabalhar um novo gênero textual com os alunos: a biografia". Além disso, Cristiane organizou uma visita virtual ao museu que abrigava a pintura. "O quadro foi o ponto de partida para o trabalho de produção de texto. Inspirados por essa atividade, os alunos começaram a buscar informações sobre outros pintores e suas obras. Todos ficaram muito interessados nas aulas", conta a educadora.

Orientadora de caminhos

Ex-orientandos falam sobre personalidade engajada, paciente e atenciosa de Magda Soares

por Júlia Pelinson

Ao longo de sua trajetória profissional, Magda Soares orientou mais de 60 alunos em dissertações de mestrado e teses de doutorado. Quando param para falar de Magda e relembrar os velhos tempos, os ex-orientandos destacam a generosidade da professora para ensinar e a liberdade que ela conferia a cada um, para que desenvolvessem suas pesquisas da maneira que preferissem.

Método

De modo geral, Magda iniciava as orientações com uma série de encontros coletivos, dos quais participavam vários orientandos. O objetivo das reuniões era fazer com que os alunos, aos poucos, conseguissem delimitar o que iriam investigar em suas pesquisas. Um de seus alunos da pós-graduação entre os anos 1987 e 1996, o atual pesquisador Antônio Augusto Batista, lembra como Magda enfatizava a importância de se definir bem o objeto de estudo: "Ela brincava dizendo que deveríamos ser capazes de resumir o tema da nossa investigação rapidamente, em uma conversa de elevador, entre um andar e outro".

Uma vez que os orientandos já sabiam exatamente o que iriam estudar, a professora lhes dava grande liberdade para desenvolver a pesquisa e escrever. Magda estava sempre disposta a ouvir perspectivas diferentes e a dialogar, como afirma a orientanda da década de 1990 e hoje professora da UFMG, Mônica Correia: "Ela não impunha nada, sentíamos que a construção do pensamento era coletiva".

Mestre atualizada e engajada

Muitos ex-alunos ressaltam como, desde o início de sua atuação como professora e pesquisadora da UFMG, Magda sempre se manteve atualizada com relação a pesquisas internacionais na área da Educação, em uma época em que ainda não existia internet para facilitar as comunicações. A ex-aluna Maria Mello Garcia, hoje professora do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, conta que o contato com teorias estrangeiras era um diferencial para os alunos: "Estudávamos textos que sequer haviam chegado ao Brasil".

Outra marca do ensino de Magda Soares eram as discussões sobre educação que sempre tocavam em questões relativas à realidade socioeconômica do Brasil. Seus alunos eram estimulados a perceber como o uso da leitura estava presente de maneiras diferentes no cotidiano de crianças de classes sociais distintas e a intervir diretamente na realidade. Professora aposentada da FaE/UFMG, Maria Therezinha Bedran conta que, na época em que Magda orientou sua pesquisa, ela ajudou-lhe a "entender a situação das camadas populares e os problemas que as crianças dessas camadas enfrentavam quando chegavam à escola sem o domínio da linguagem considerada culta".

Acolhimento

Um dos aspectos mais destacados pelos antigos alunos é a generosidade com que Magda ensinava e ouvia opiniões, além da disponibilidade, apesar da agenda sempre cheia. A professora aposentada da UFMG Avani Avelar Lanza relata um dos gestos atenciosos da orientadora: "Quando passávamos por Magda no corredor, ela abria um caderno onde guardava vários bilhetes e entregava um para cada aluno. Os bilhetes continham dicas de leitura e ideias para nossa pesquisa". Orientanda de Magda entre 1988 e 1991, a atual pesquisadora do Ceale Maria Lúcia Castanheira conta que a mestra acompanhava a evolução dos alunos de forma bastante tranquila, aguardando o tempo que cada um levava para compreender a situação educacional no Brasil e conseguir iniciar seus próprios estudos. "Magda estava sempre interessada em entender as questões que trazíamos para as orientações e em provocar nossa reflexão", completa.

O depoimento de Maria Antonieta Cunha, uma das primeiras alunas que Magda orientou no campo da leitura literária, resume o sentimento dos orientandos quanto à maneira de Magda de ser e de trabalhar: "Ela foi uma inspiração extraordinária para minha carreira e para minha vida".

DEPOIMENTOS

Eu já tinha doutorado em Letras, mas ainda queria conciliar esse curso com Pedagogia para fazer um trabalho de qualidade na área da Educação. Foi assim que a Magda, generosamente, aceitou orientar meu mestrado em Educação sobre leitura literária.

Maria Antonieta Antunes Cunha, orientada por Magda durante o mestrado (1986)

Um dia antes da minha apresentação de mestrado, eu liguei pra ela perguntando se não nos encontraríamos para repassar o conteúdo. Ela respondeu: "Pra quê? Você é a pessoa que mais sabe sobre o tema!". Mas disse que, se eu quisesse mesmo encontrá-la, tudo bem. Fui à casa dela e ela me tranquilizou, me deixou mais segura.

Avani Avelar Xavier Lanza, orientada por Magda durante o mestrado (1988)

Produzir uma dissertação de mestrado não é algo fácil. Você tem um referencial teórico, faz a pesquisa e o seu tema surge. Mas na hora de redigir, você se sente perdido. Eu escrevia, escrevia e pensava "ainda não é isso o que eu quero". Foram muitas idas e vindas, e a Magda teve uma paciência de Jó!

Maria Therezinha Saad Bedran, orientada por Magda durante o mestrado (1989)

Com a Magda, aprendi a conciliar o dever do engajamento com algo que, na verdade, eu já tinha, mas que ela reafirmou em mim, que é o grande prazer de buscar o conhecimento. Essa é a relação dela com o conhecimento, e é essa a relação que deveria ser, sempre, a da Universidade.

Antônio Augusto Gomes Batista, orientado por Magda durante o mestrado (1990) e o doutorado (1996)

O que eu escrevi nos agradecimentos da minha dissertação de mestrado, vale ainda hoje: "À Magda por ter tido a oportunidade de com ela conviver nesses anos de trabalho, pela maneira especial com que ela se fez e se faz presente".

Maria Lúcia Castanheira, orientada por Magda durante o mestrado (1991)

Às vezes eu ficava admirada em ver como, estando na academia, Magda era capaz de compreender tão bem nossa prática de professor em sala de aula.

Maria Mello Garcia, orientada por Magda durante o mestrado (1992)

Até hoje a Magda nos desafia a ver, na pesquisa, uma função social, para que o conhecimento adquirido seja usado para resolver os problemas sociais.

Isabel Cristina Alves da Silva Frade, orientada por Magda durante o mestrado (1993) e o doutorado (2000)

Iniciávamos o mestrado querendo salvar a educação do país, querendo que nossa pesquisa fosse um "holofote" para a resolução dos problemas educacionais. Magda nos ensinava que não era possível que nosso estudo fosse um holofote, que poderia ser apenas uma das velinhas de um bolo e que, somando-se várias velas, teríamos um holofote.

Francisca Izabel Pereira Maciel, orientada por Magda durante o mestrado (1994) e o doutorado (2001)

Pouco antes de terminar a graduação, passei em um concurso para trabalhar como professora dos anos iniciais. A Magda sugeriu que eu fizesse um registro diário do trabalho nessa escola e disse que me orientaria para que eu apresentasse uma proposta de mestrado baseada nessa experiência. Foi ela quem me ensinou a olhar para a prática pedagógica e problematizá-la.

Mônica Correia Baptista, orientada por Magda durante o mestrado (1996)





ANNE-MARIE CHARTIER - Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Paris V e pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas da França.

Três lições que aprendi com Magda Soares

TRADUZIDO POR CERES LEITE PRADO

A primeira vez que tomei o avião para ir ao Brasil foi nos tempos do Collor. 1991? 1992? Como eu não tinha certeza de voltar um dia "ao país do cruzeiro", guardei uma cédula como lembrança. E eu tinha razão. Quando voltei, o Brasil era o país do real. Conheci, então, um país que os jovens de hoje não podem nem imaginar. Por outro lado, quando se trata de educação, os temas que discutíamos e que nos inquietavam nesse tempo tão distante, em que não tínhamos nem PISA nem Internet, nem *tablets*, ainda são os mesmos. Viagem após viagem, vi a situação das escolas e dos professores melhorar, mas (no Brasil como na França) a questão continuava sendo democratizar o ensino, melhorar as interações entre alunos e professores, em resumo, lutar contra o fracasso escolar.

O avião estava atrasado. No aeroporto Charles de Gaulle, enquanto aguardava o embarque, li, pela primeira vez na vida, um livro inteiro em português. Era um pequeno livro, *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, publicado em 1986. Eu tinha sido convidada a vir ao CEALE por Magda Soares e me sentia muito intimidada por encontrar uma professora universitária tão famosa. Começando a ler esse livro, descobri, assustada, que eu entendia tudo: Magda me fez acreditar que eu compreendia o português. Vinte anos depois, essa lembrança continua a me parecer inacreditável. Ela escrevia com perfeita clareza, eu concordava com tudo que ela expunha e me sentia "em casa" nessa língua desconhecida. Minhas surpresas se relacionavam apenas ao "rumor da língua". Num dicionário, eu havia encontrado as palavras desconhecidas que se repetiam em todas as páginas ("crianças", "fracasso"), tão estranhas aos meus ouvidos franceses. Desde essa experiência inaugural, as crianças permaneceram para mim como sendo "aqueles que gritam", pois a palavra me remetia a "criant", participio presente do verbo "crier", em francês, que significa "gritar". Já a expressão "fracasso escolar" me levava a pensar em barulho de vidro quebrado ou acidente rodoviário, pois eu me lembrava da palavra francesa "fracas", que tem esse significado. Na França, a palavra que usamos para fracasso é "échec" e ela faz pensar sobretudo no "jeu d'échecs", o jogo de xadrez, esse jogo silencioso onde não há vencedor sem vencido. Assim, lendo Magda, descobri duas coisas: que as explicações para o fracasso escolar, no Brasil, eram semelhantes às da França, o que era tranquilizador. Ao mesmo tempo, eu entendia que as análises teóricas dos livros não me ensinariam a respeito das diferenças entre as escolas da França e do Brasil. Para conhecê-las, eu teria que ir até as escolas. E foi o que eu fiz.

Quando Magda me recebeu em Belo Horizonte, levou-me a um restaurante que hoje já não existe mais, o Mala e Cuia,

onde descobri que a cozinha de Minas se parecia com a dos meus Alpes natais. Comer carne de porco com polenta, logo depois de descer do avião, isso também era tranquilizador. Magda falava francês como se tivesse feito seus estudos em Genebra, de onde saíram tantos pesquisadores da área da psicologia da criança. Fiquei sabendo, com surpresa, que eu estava enganada, mas ela me surpreendeu ainda mais quando começamos a falar sobre salas de aula e professores. Seus artigos de pesquisa, seus relatórios em inglês para organizações internacionais, tudo que pude ler dela, depois disso, me impressionaram menos do que seu interesse pela realidade cotidiana da escola. Nos discursos dos acadêmicos daquele tempo, os maus resultados da escola eram atribuídos à ignorância dos professores, ignorância, na verdade, da pesquisa. Eu já era bastante cética em relação a essa ideia, pois era difícil atribuir aos pesquisadores os enormes progressos da alfabetização ao longo do século XX: tratava-se, antes de tudo, do resultado do trabalho dos professores, facilitado por medidas sociais e políticas. Como eu fazia pesquisas e trabalhava também com formação de professores, tinha aprendido, por prudência, a manter separadas essas duas partes de minha vida profissional. Eu pensava que haveria sempre um abismo entre, de um lado, as questões colocadas pelos pesquisadores e, de outro, os problemas que os professores tinham que resolver todos os dias. Magda me fez pensar que eu poderia, talvez, estar errada. Foi a segunda coisa em que ela me fez acreditar: que há uma maneira de fazer pesquisa que poderia se aproximar das realidades da sala de aula.

E é por isso que sempre gostei tanto de voltar ao CEALE. Eu voltava por causa da hospitalidade brasileira. Voltava também pelas amizades estabelecidas ao longo dos dias e, principalmente, para me revigorar. O CEALE foi para mim um lugar mítico e frágil, onde se imbricavam de forma natural o trabalho de pesquisa, o conhecimento sobre a sala de aula e as questões a respeito da formação de professores. Em outros centros universitários, em Paris como em São Paulo, a segmentação das pesquisas especializadas (em psicologia, em linguística, em didática, em literatura, em sociologia, em história) proíbe uma tal convergência de saberes em torno do que hoje se chama de "letramento". Eu senti que era a incrível cultura de Magda que possibilitava manter essa abertura. Essa conjugação era singular demais para poder ser reproduzida com facilidade. Mas Magda me fez acreditar que aquilo que existia em algum lugar poderia também existir em outros.

Como eu não tinha o título de "Professeur d'université", mas apenas o de doutora, não tinha o direito, na França, de orientar teses de doutorado.

Magda, entretanto, enviou-me doutorandas para estágio sanduíche em Paris. Eu nunca soube o que ela esperava exatamente de mim, mas a terceira coisa em que ela me fez acreditar foi que eu saberia co-orientar pesquisas, mesmo que não tivesse o direito a isso.

De minha parte, eu tinha certeza de que os projetos de tese eram bons, já que tinham sido aceitos por ela. Mas eu não era psicóloga, linguista ou especialista em didática; eu trabalhava com a história da leitura escolar. Eu conhecia apenas a escola francesa e ignorava tudo a respeito das pedagogias de alfabetização no Brasil. Pensei então que Magda me confiava "suas meninas" para que eu cuidasse de sua saúde, como faz uma madrinha por suas afilhadas exiladas por um ano em Paris. Eu me preocupava, então, em que elas pudessem comer bem sem pagar muito por isso. Em relação à alimentação intelectual, eu encontrava seminários, eu as inundava de livros, de revistas, de artigos. Eu encontrava salas de aula em que elas pudessem fazer observações, assim eu poderia ver a escola francesa através de seus olhos. Tudo isso visava prevenir os riscos de depressão que ameaçam todos os brasileiros que são confrontados ao frio, ao céu cinza, às longas noites de inverno.

Tomei consciência, muito tempo depois, que o artifício de Magda era outro: em Paris, como as doutorandas não podiam mais se lançar ao campo de pesquisa para juntar cada vez mais dados, elas deveriam voltar ao que já tinham coletado, reler, anotar, colocá-los em ordem para redigir a tese. Eu tinha prometido que leria seus textos, pois acreditava que entendia o português escrito. Mas o português das alunas não era o de Magda e eu era obrigada a pedir esclarecimentos sobre tudo: sobre o objeto de pesquisa, o campo, a coleta de dados, suas escolhas, as entrevistas com os atores, suas referências teóricas. Cada uma deveria conseguir me explicar, em francês e em voz alta, o que ela esperava daquele projeto. Magda me provou assim que, das turmas de alfabetização até o final dos estudos universitários, os alunos podem progredir graças a professores que não sabem muita coisa e entendem menos ainda, se estes têm realmente vontade de se instruir "em campo".

E depois, Magda se aposentou, e eu também. Ela continua a ir até as salas de aula e eu também. Espero a publicação do seu novo livro com impaciência. Lendo Magda, continuarei a acreditar que a pesquisa teórica e o conhecimento prático do ofício podem caminhar no mesmo passo. E continuarei a acreditar que entendo perfeitamente o português. É inacreditável, mas é verdade. É isso que você é para mim, Magda, inacreditável, mas verdadeira.



O risco do bordado

Longe de ser um traçado harmonioso, as linhas que bordaram a trajetória profissional de Magda Soares sofreram cortes bruscos e tomaram direções inimaginadas. No entanto, quem para pra conferir o desenho atual tem a certeza de que um elemento comum orientou as escolhas da educadora, por mais variadas que elas tenham sido: o desejo de reduzir, ainda que minimamente, as angústias do professor brasileiro

por Ana Carolina Martinse Lorena Calonge

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco. (...) De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido. (...) É então que se pode escrever – como agora faço – a ‘história.’

Esse trecho é parte do livro *Metamemórias – Memórias: Travessia de uma educadora*, no qual Magda Soares conta as experiências vividas ao longo de sua trajetória acadêmica, constituída de certezas firmemente "plantadas", como diz a própria educadora, que foram "arrancadas" e substituídas ao longo de sua vida. "Magda foi mudando suas perspectivas em função do tempo vivido. Isso faz parte da flexibilidade mental dela, da capacidade de adaptar as ideias à realidade que se está vivendo, de estar sempre aberta a novas teorias. Essa é uma virtude rara", acredita o professor emérito da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG, Odeir José dos Santos.

Em *Metamemórias*, livro que foi escrito por Magda em 1981 para atender a um requisito do concurso de professor titular da UFMG, a educadora afirma que somente na vida universitária pôde viver suas contradições em relação ao "inconformismo com a realidade social, que busca expressão na crítica, e o compromisso com a prática social, que obriga à ação nessa mesma realidade que se critica".

Magda graduou-se em Línguas Neolatinas pela UFMG e, mais tarde, tornou-se doutora em Didática. Começou a lecionar na UFMG em 1959 e só se aposentou quarenta anos mais tarde, em 1999, mesmo ano em que recebeu o título de professora emérita da Instituição. Durante todo esse período, ela se dedicou às aulas nos cursos de graduação em Letras e em Pedagogia.

Mas a trajetória de Magda foi muito além da atuação nas salas de aula. A educadora desenvolveu pesquisas que influenciaram (e ainda influenciam) as práticas de ensino em todo o país e que contribuíram para a formação de muitas gerações de professores brasileiros. A maneira de ensinar português que Magda introduziu por meio de suas coleções didáticas modificou profundamente as práticas pedagógicas desde a década de 1960. "Os livros didáticos que ela produziu marcaram uma forma diferenciada de interagir com a língua portuguesa", reconhece a professora emérita da FaE, Eliane Marta Teixeira.

Magda também participou de projetos pioneiros, como a criação do Colégio Universitário da UFMG, em 1965; do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, em 1970; e da fundação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), em 1990.

Em nível nacional, ela foi peça chave para a consolidação da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), tendo auxiliado na criação, em 1981, dos chamados GTs (Grupos de Trabalho) da Associação. Mais significativo ainda, Magda coordenou, nos anos de 1992 e 1993, o GT de Alfabetização. "O surgimento desse GT marcou o aumento da visibilidade e da legitimidade da alfabetização como campo de investigação e prática", orgulha-se a pesquisadora do Ceale Aparecida Paiva.

Em outubro deste ano, Magda recebeu o troféu Paulo Freire, durante uma cerimônia realizada na 35ª Reunião Anual da ANPEd, em Porto de Galinhas (PE). "Um momento inesquecível para todos nós, ali presentes, foi quando ela se levantou da plateia e tomou lugar à mesa, participando ativamente das discussões sobre o estado da arte da alfabetização", conta Aparecida Paiva.

▶▶▶ Primeiros riscos

Quando menina, Magda pretendia fazer carreira na área de ciências exatas. No entanto, ao cursar o terceiro ano do segundo grau, encantou-se com as aulas de português ministradas pela professora Ângela Vaz Leão e decidiu concorrer a uma vaga no curso de Letras. "Na época, eu nem sabia que existia um curso de Letras, mas eu via Ângela Leão e pensava: 'é isso que eu quero ser!'. Ângela me fascinou com a literatura, com a língua, me explicou o que era o curso e depois me preparou para o vestibular", relembra Magda.

Magda fez Letras Neolatinas e se formou na turma de 1954. "No meu primeiro período de faculdade, o curso funcionava numa sala emprestada do Instituto de Educação. Depois, fomos para o Edifício Acaiaca, onde funcionavam todos os cursos da Faculdade de Filosofia e Ciências. Era muito bom, porque a gente convivia com o pessoal da História, da Filosofia, da Geografia, da Biologia, da Física", conta a professora.

Ainda antes de terminar a graduação, Magda começou a dar aulas no Colégio Metodista Izabela Hendrix, mesma instituição onde havia concluído sua educação básica: "Eu tinha uma verdadeira paixão por aquele colégio", revela. "Mas também fui professora do Colégio Municipal São Cristóvão e do Colégio Estadual Central. Até que, um dia, a professora de português do Colégio de Aplicação da UFMG pediu afastamento e a catedrática diretora da instituição, dona Alaíde Lisboa de Oliveira, me chamou para substituí-la". Foi assim que Magda começou a lecionar na UFMG.



▶▶▶ Experiência inovadora

Logo no início da carreira, Magda idealizou e colocou em prática um projeto desafiador: a criação do primeiro Colégio Universitário dentro da UFMG, que ofereceria o último ano do antigo segundo grau. Inaugurado em 1965, o Colégio tinha como meta desenvolver práticas docentes inovadoras.

"Na época, foi uma experiência que modificou o modo de ensinar na educação básica. No Colégio Universitário, os alunos eram protagonistas de sua formação. O aprendizado era científico, com muitas aulas práticas, já no intuito de preparar o estudante para o ambiente acadêmico da universidade", conta a professora aposentada da Faculdade de Educação da UFMG Maria Lisboa, que trabalhou ao lado de Magda na inauguração do Colégio.

A experiência mobilizou tanto os esforços de Magda que ficou registrada na memória de um de seus filhos, Paulo Sérgio Soares, hoje professor do Departamento de Física da UFMG: "Eu me lembro do entusiasmo de minha mãe na época da criação do Colégio Universitário. Ela trabalhava nesse projeto com alegria, pois era algo novo, diferente".

O esforço valeu a pena e, hoje, encontra reconhecimento nas palavras de ex-alunos, como a atual Secretária de Educação de Minas Gerais, Ana Lúcia Gazzola, estudante da primeira turma do Colégio Universitário: "Lá, eu vivi a melhor experiência educacional que alguém poderia ter vivido. Era um colégio experimental, altamente inovador. Ali, eu entendi o que é uma universidade".

▶▶▶ Peça chave na Faculdade de Educação

A partir de uma reforma que promoveu a reestruturação da Universidade, a Faculdade de Educação da UFMG ganhou nova sede, inaugurada em fevereiro de 1968. Antes disso, ela era parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, juntamente com outros cursos.

Magda fez parte da comissão responsável por elaborar o anteprojeto da estrutura administrativa e pedagógica da Faculdade de Educação. "O reitor à época, Aluísio Pimenta, nos ajudou muito: trouxe uma comissão dos Estados Unidos, onde já existia uma Faculdade de Educação, para nos orientar. A parte mais difícil foi construir a Faculdade. Nós éramos um Departamento de Pedagogia e, de repente, viramos Faculdade de Educação", relembra a educadora.

Ainda que Magda tenha participado da esfera administrativa da Faculdade, exercendo funções de gestão, essas atividades nunca se sobrepuseram a suas ações de docência. É o que conta o professor Oder José dos Santos: "A trajetória de vida de Magda só pode ser compreendida por meio de sua prática docente. Para ela, ser professora não era uma vocação, mas uma responsabilidade e um compromisso social". Segundo Oder, Magda se projetava como uma referência no campo da Educação já no início dos anos 1970.

Depois de ajudar a criar a Faculdade de Educação da UFMG, ela colaborou para a estruturação do Programa de Pós-Graduação da unidade, instituído em 1970.

Em 1989, quando recebeu o Prêmio da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP), foi homenageada no discurso da diretora da Faculdade de Educação, Glaura Vasques de Miranda: "Temos sido pioneiros na divulgação de novas teorias e abordagens para perceber as relações da sociedade. Magda é uma das grandes responsáveis por esse trabalho, sempre atuante na Universidade, de onde nunca se afastou".

▶▶▶ Surge um centro de pesquisa

A estruturação do ensino superior e da pós-graduação em Educação na UFMG compõe apenas parte dos esforços de Magda Soares em prol da melhoria da situação do ensino brasileiro. Em 1980, o quadro era desanimador: o país possuía altíssimas taxas de evasão e repetência escolar. Magda sabia que o caminho para se obter mudanças efetivas seria longo. Para ela, a única maneira de compreender a realidade e intervir sobre ela era conhecendo o passado. Por isso, em 1986, deu início à pesquisa *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*, um levantamento das produções acadêmicas brasileiras sobre alfabetização, desde os anos 1950.

O que a educadora ainda não imaginava era que sua busca por conhecimento resultaria no surgimento de um centro de pesquisa em alfabetização, leitura e escrita que viria a se tornar reconhecido no cenário brasileiro: o Ceale. Magda foi diretora do Centro desde sua criação, em 1990, até 1995 e continuou a auxiliar nas pesquisas até o final dos anos 2000. A pesquisadora do Ceale Sara Mourão Monteiro, confessa que, mesmo depois da aposentadoria, a professora continua tendo forte influência sobre o grupo. "Ela não deixou de nos guiar e de ser nossa orientadora. Magda gosta de se definir como nossa 'aspite' efetiva. Esse termo, criado pelo Zivaldo, significa 'assessora de palpite'", brinca Sara.

Em 1990, ano nomeado pela Unesco como o Ano Internacional da Alfabetização, a diretora da Faculdade de Educação, Glaura Vasques de Miranda, decidiu buscar apoio para o grupo: "Falei com a Magda que, partindo do trabalho que ela já desenvolvia, nós poderíamos fazer um centro de alfabetização na UFMG que seria referência nacional. Elaboramos um plano de trabalho, conseguimos o apoio do reitor e fui à Brasília atrás dos recursos".

Hoje, muitos pesquisadores do Centro participam do Programa Nacional do Livro Didático como parte da banca avaliadora dos livros didáticos e dos dicionários que são distribuídos gratuitamente para as escolas públicas de Ensino Fundamental. Desde 2004, o Centro promove cursos para a formação de professores alfabetizadores. O grupo assumiu também a avaliação dos livros literários que chegam às bibliotecas das escolas públicas brasileiras pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola.

Apesar das ações educacionais, as pesquisas acadêmicas continuam sendo a base que orienta o trabalho, como explica a atual vice-diretora do Ceale, Isabel Frade: "Esta é a lição que Magda nos deixou, depois de todos esses anos: é necessário interferir na realidade da educação de forma sistemática, orgânica e intencional, sempre se baseando em um aguçado senso de pesquisa".

▶▶▶ Retorno à sala de aula

Depois de anos na Universidade, Magda voltou a viver de perto o dia a dia da alfabetização. Em 2007, foi convidada pela Secretaria Municipal de Lagoa Santa a desenvolver um projeto para melhorar o ensino da leitura e da escrita nas escolas municipais. O projeto foi aperfeiçoado e culminou na formação do que hoje é o Núcleo de Alfabetização e Letramento de Lagoa Santa. Semanalmente, Magda orienta professores da rede na busca por metodologias de ensino mais adequadas e na criação de um currículo unificado, com metas e prazos comuns a todas as escolas.

O retorno às salas de aula foi estimulado pelo mesmo espírito de socialização de conhecimento que guiou o trabalho da pesquisadora durante toda a sua vida. Em Lagoa Santa, ela tenta fazer com que os professores se apropriem dos fundamentos sobre a aprendizagem da língua escrita para poderem introduzir, testar e adaptar em sala de aula o que há de novo no meio acadêmico. "Magda nos mostrou como atuar unindo teoria e prática", define a professora Gilmarães, que participa das reuniões do Núcleo desde o início.

A pedagoga Joaquina Duarte, da Secretaria da Educação de Lagoa Santa, confessa que o fato de ter participado do Núcleo mudou completamente sua maneira de alfabetizar. "Antes, eu apenas seguia o material didático, sem questioná-lo ou entender seu propósito. Magda conseguiu me fazer compreender o processo pelo qual a criança se alfabetiza e o que é preciso fazer para estimulá-la", explica.

Para Juliana Storino, membro da Secretaria de Educação de Lagoa Santa e do Núcleo, o principal impacto da ação de Magda para a rede escolar de Lagoa Santa foi uma mudança na mentalidade dos profissionais de educação: "Ela conseguiu transmitir para os professores o sentimento de pertencimento à rede. Os índices da rede nas avaliações externas e internas aumentaram não em razão do rendimento superior de determinada escola, mas pelo bom rendimento de todas elas, que subiram de nível em bloco".



HERANÇA

A exemplo da mãe, Paulo Sérgio Soares Guimarães, o filho mais velho de Magda Soares, também acabou se tornando professor da UFMG. Doutor em Física pela Universidade de Nottingham desde 1986, Paulo Sérgio já foi coordenador do Programa de Pós-graduação em Física da UFMG, além de estar à frente de mais de vinte projetos de pesquisa na área. Não se sabe se o gosto pelas aulas e pela investigação científica vem do sangue ou se é fruto da convivência. Seja como for, a influência é inegável. "Inspirado pela experiência da minha mãe, acabei participando muito da vida da Universidade e achando-a bastante atrativa", conta Paulo Sérgio.

Garoto atento, assimilou bem um dos maiores ensinamentos da mãe: encarar o trabalho com responsabilidade e disposição. "Ela carrega consigo um lema muito forte, que veio da filosofia do colégio onde estudou: 'conhece o dever e cumpre-o'. Ela realmente não tem preguiça de encarar o serviço, mesmo que precise trabalhar até tarde. Procuo seguir o exemplo", conta. E reconhece que reproduz alguns hábitos da mãe, cenas que assistiu repetidas vezes na infância: "Quando as coisas apertam na faculdade, gosto de acordar um pouco mais cedo, ir para o escritório ainda de madrugada e terminar o que é preciso fazer. Isso é uma coisa que ela também fazia. Acho que é por isso que, desde que saí de casa, em todas as casas em que morei, sempre fiz questão de ter um escritório".

»» Rupturas necessárias

Se um velho colega, amigo ou aluno de Magda Soares se debruçar sobre os escritos mais recentes da educadora, ou mesmo tiver a oportunidade de assistir a uma de suas palestras, é bem provável que note diferenças entre os ensinamentos antigos e as concepções atuais. Isso porque, ao longo dos anos, Magda não hesitou em assumir mudanças na maneira de enxergar o fenômeno do ensino. Para o pesquisador Antônio Augusto Gomes Batista, que foi orientado por Magda durante o doutorado e esteve à frente da direção do Ceale por alguns anos, essa vontade de estar sempre buscando novas respostas para as perguntas sobre a educação é uma das maiores qualidades de Magda: "Se você parar para analisar a obra dela, vai notar que ela não tem compromisso com o que escreveu antes, mas com a busca de respostas a perguntas. Mesmo que as respostas que ela encontre hoje contradigam o que ela já respondeu. A Magda sempre soube fazer as rupturas necessárias".

Como definiu a própria Magda em seu memorial, ao longo de sua trajetória, ela mudou da área da Letras para a área da Educação; trocou a visão psicológica do ensino pela sociológica; e substituiu a concepção da escola como instrumento de correção das desigualdades sociais por uma que entendia a escola como instrumento de dissimulação dessas desigualdades.

Fase liberal-pragmática

Em suas primeiras experiências como professora, na década de 1950, Magda procurava incentivar a participação ativa dos alunos no ensino, com a formação de associações, de grêmios e de clubes, com a realização de trabalhos comunitários e extraclasse. As estratégias eram típicas do escola-novismo, movimento que pregava que o ensino deveria ter a função de "preparar os alunos para a vida", o que implicava, de certa forma, adaptá-los à sociedade. Em *Metamórias*, Magda afirmou que essa linha de pensamento a que aderiu nos primeiros anos de sua vida profissional não foi uma escolha consciente: por não conhecer outra prática pedagógica senão aquela que lhe fora apresentada como ideal durante sua formação no Instituto Metodista Izabela Hendrix, a Escola Nova se mostrou como o único caminho possível para o ensino.

Fase do nacionalismo-desenvolvimentista

No ano de 1964, um livro ainda pouco conhecido no Brasil chamou a atenção de Magda. A obra *Cultural Foundations of Education (As raízes culturais da educação, em português)*, do filósofo e educador americano Theodore Brameld, foi o impulso para a educadora mudar sua linha de pensamento. "Brameld me fez criticar e abandonar a orientação liberal-pragmática, que propunha, como objetivo da educação, a adaptação do indivíduo à sociedade, afirmando que o objetivo é, ao contrário, transformar a sociedade e que o papel da escola é promover a mudança social", explicou Magda. Ao se aprofundar no estudo dessa ideologia pedagógica, a educadora se deu conta de que o sistema de ensino funcionava como meio de seleção, em que os alunos das classes privilegiadas tinham maiores oportunidades que os demais.

Visão operacional

No ano de 1968, o Brasil retomou sua expansão econômica e o planejamento educacional passou a integrar o Plano Nacional de Desenvolvimento. Isso significava que o ensino passava a ser considerado um bem a serviço do crescimento econômico e da integração nacional. Como a própria Magda já explicou, muitas vezes, um país atravessa um momento social que traz consigo uma ideologia dominante tão bem adequada às necessidades do período que se torna impossível não tomá-la como ideal. Foi assim que ela se viu, juntamente com os demais professores brasileiros, ensinando os alunos a obter maior eficiência e melhores resultados a menores custos: "Nos vimos, inesperadamente, transformados em agência adestradora de mão de obra".

Sociolinguística aplicada à Educação

Em 1974, Magda se identificou com uma linha de pensamento na qual acredita até hoje: a Sociolinguística da Educação, visão sociológica que entende o ensino como fenômeno profundamente inserido na sociedade capitalista. A partir de então, para Magda, a escola passava a ser vista como um meio de legitimação da estratificação social, posição que substituiu a imagem tradicional da escola como ambiente neutro e igualitário. Ela descobria que o capital linguístico das classes dominantes era o mesmo utilizado no material didático e exigido nas avaliações escolares. A partir desse novo ponto de vista, os alunos das classes sociais mais baixas poderiam ter seu fracasso escolar explicado, em grande parte, pela variante linguística de seu meio social. Desde esse período, Magda passou a buscar, em todas as suas ações educacionais e formulações teóricas, maneiras de tornar a escola um ambiente livre dos preconceitos linguísticos e sociais.



Circulação de ideias

Nesta edição comemorativa, o *Letra A* resgatou entrevistas realizadas com Magda Soares em diferentes momentos de sua vida: 1993, 2005, 2011 e 2012. À semelhança de um espelho, os trechos das conversas podem refletir um pouco do pensamento e das ideias de Magda em cada uma dessas fases, dando ao leitor uma noção de quais eram as problemáticas com as quais a educadora estava às voltas no momento em que concedeu as entrevistas.

Se é interessante notar as permanências em seu discurso, – como a preocupação com a melhoria da qualidade do ensino e o compromisso com a democratização do acesso à leitura e à escrita – mais curioso ainda é perceber que, após 40 anos como pesquisadora e professora universitária, tendo se tornado referência nacional nas discussões sobre alfabetização, Magda decide fazer o caminho inverso: retornar à origem e ver o que se passa nas salas de aula de alfabetização.

1993 por Gilcinei Teodoro Carvalho e Ceres Leite Prado

A maioria dos professores da educação básica estão sempre preocupados com soluções práticas para os problemas da alfabetização. Isso pode ser prejudicial para sua formação? Quais são as conseqüências disso?

Quando o professor está na sala, diante de 40 meninos que ele tem que botar pra ler e escrever até o fim do ano, ele quer saber: "o que é que eu faço?" Ele quer, na maioria das vezes, "receitas". Aliás, esse é um vício das pedagogias, das didáticas. Não tem nada que se pareça mais com um livro de receitas culinárias do que um livro de didática desses tradicionais que dizem: "faça isso", "faça aquilo". Essa tradição de "receituário" explica porque é tão difícil para alguns professores compreender que o importante é entender o processo, como é que o aluno aprende a ler e a escrever nas suas várias facetas. A busca ansiosa de soluções faz com que muitas vezes o professor transforme (e reduza) em receita tudo o que lhe é proposto como reflexão, como compreensão do processo. E, como ele tem as receitas antigas, a saída é traduzir tudo para os velhos esquemas, apenas com uma roupagem nova, um nome, um rótulo novo. É o que está acontecendo com o construtivismo e outros "ismos".

Então o construtivismo não é uma teoria completamente nova, um novo paradigma?

A história das ciências se faz por mudanças de paradigmas. Nós já vivemos outras mudanças e sabemos que daqui a algum tempo vamos mudar de novo. Sabemos também que essas mudanças vão ter uma marca imediata na atuação do professor na sala de aula. No início dos anos 1970, o behaviorismo chegou com o mesmo status, a mesma força, o mesmo prestígio do construtivismo hoje. Os professores tinham que abandonar a Escola Nova e tornar-se behavioristas. A mesma crença que a gente tem no poder mágico do construtivismo hoje, a gente já teve no behaviorismo.

A diferença entre as duas concepções é o fato de o paradigma anterior (behaviorista) ter vindo amarrado em propostas didáticas. Ele se criou ligado ao processo de aprendizagem e, junto, vinha a receita, muito miudamente especificada. Agora acontece o contrário: o construtivismo rejeita as receitas, pois se você diz que é a criança que constrói o conhecimento, em interação com os objetos de conhecimento, não dá para se dar receitas prontas. Tudo aquilo que era planejadinho, arrumadinho, e que dava segurança e garantia está sendo feito de forma desorganizada. Isso porque muitos acham que o construtivismo é apenas uma receita nova, e não uma outra maneira de se compreender a aprendizagem. O construtivismo é uma teoria de como as pessoas aprendem: a criança, o adulto, o velho, o jovem, de como aprendem a língua escrita, a história, a geografia, a viver a vida, a curtir um amor novo, uma decepção.

Existe saída para esse problema da busca ansiosa do professor pelas "receitas"?

A questão fundamental em Educação é reverter essa expectativa de que a resposta para tudo está numa receita. É romper com essa tradição, de décadas, de que a formação do professor é isto: dizer como fazer. É interessar-se em saber por que e como as coisas acontecem. É convencer-se de que, sabendo isso, vamos saber como agir. Precisamos, sobretudo, abandonar a ansiedade que nos leva à expectativa de que vamos encontrar uma fórmula mágica que vai resolver todos os problemas de sala de aula, da escola, da educação... As soluções são também "construídas" na interação com os objetos de conhecimento; a teoria e a prática.

Trecho de entrevista originalmente publicada no *Jornal Carpe Diem*, publicação bimestral do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte (SMED/PBH).



Fotografias originalmente publicadas na Revista Dois Pontos de dezembro/86 - vol. 1, n.º7



2005

por Aparecida Paiva, Marildes Marinho e Sílvia Amélie de Araújo

O que as pesquisas atuais têm revelado sobre o aprendizado da escrita?

Até os anos 1980, as pesquisas na área da alfabetização eram, de certa forma, restritas, porque voltavam-se apenas para a questão metodológica. Toda a discussão se limitava à eficácia ou não de métodos: os analíticos, os sintéticos, o método global, o da palavração, o da silabação...

As pesquisas aumentaram a partir dos anos 1980, como decorrência do construtivismo, sobretudo pela influência dos estudos e pesquisas de Emilia Ferreiro e de Ana Teberosky sobre o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança. Passamos, então, a contar com um número grande de pesquisas, tomando como tema não mais o método de aprendizagem da língua escrita, mas o processo da criança na construção de conceitos sobre a língua escrita. O foco muda do "como ensinar" para o "como a criança aprende". Depois, mais no fim dos anos 1980, surgem as pesquisas linguísticas: foi o momento em que os lingüistas finalmente se deram conta de que alfabetização era problema deles também.

Hoje parece que há uma crise do construtivismo, como se a crítica o considerasse uma teoria que não deu certo...

O construtivismo não propôs métodos, nem tinha que propor, porque sempre se afirmou como uma teoria psicológica e não como uma teoria pedagógica. Mostra como a criança aprende, não se volta explicitamente para a questão de como o professor deve ensinar.

Foi um fenômeno – o chamado construtivismo na alfabetização – que, sob um ponto de vista sociológico, mereceria ser estudado. Foi um movimento que invadiu as escolas de todo o país, e se multiplicaram os cursos para ensinar aos professores o construtivismo. Mas o que se ensinava a eles não era como alfabetizar a criança, era como a criança aprendia. Os métodos de alfabetização até então usados passaram a ser negados, com o argumento de que eles ignoravam o processo como a criança aprende. O que é uma verdade apenas parcial.

Costumo dizer que, antes do construtivismo, os professores alfabetizadores tinham um método e nenhuma teoria. Eles ensinavam pelo global, pelo silábico, pelo fônico, mas as teorias que fundamentam esses métodos não eram discutidas. Eu mesma, quando formava professoras no então chamado Curso Normal, no que dizia respeito à alfabetização, discutia os métodos existentes e como é que se aplicava cada um. O construtivismo veio negar esses métodos, mas não propôs outro método que os substituísse, trouxe uma teoria sobre a aprendizagem da língua escrita. Assim, antes se tinha um método e nenhuma teoria; depois passou-se a ter uma teoria e nenhum método. Passou-se até a considerar que adotar um método para alfabetizar era pecado mortal. Como se fosse possível ensinar qualquer coisa sem ter método...

Qual é o método de alfabetização adequado no momento atual?

Cada uma das facetas da aprendizagem da língua escrita supõe um processo cognitivo específico. Não se aprende uma convenção (a relação fonema/grafema) da mesma forma que se aprende a construir sentido de um texto, a interpretar, a compreender. Aprender os diferentes usos e funções da escrita e os diferentes gêneros de textos também demanda processos cognitivos diferenciados.

A conseqüência é que, no estado atual dos conhecimentos sobre a língua escrita e sua aprendizagem, não se pode falar em *um* método de



Foto: Marcos Alves

alfabetização, mas em *métodos* de alfabetização, no plural. Assim: ler histórias ou poemas ou textos informativos para as crianças, levá-las a interpretar esses diferentes textos supõe determinados procedimentos didáticos, enquanto que tomar palavras-chave de um texto lido e trabalhá-las para, com base nelas, desenvolver a aprendizagem, das relações entre fonema/grafema supõe outros procedimentos. São diferentes métodos, diferentes procedimentos, porque são diferentes objetos de conhecimento e, portanto, diferentes processos de aprendizagem. Por isso, hoje é preciso ter métodos de alfabetização, não um único método de alfabetização.

Trecho de entrevista originalmente publicada no *Letra A* de abril/maio de 2005 - Ano 01 - nº 01.

por Cecília Lana

2011

Que questão relativa à educação precisa ser mais debatida atualmente?

A alfabetização na educação infantil (sobretudo na rede pública) é uma questão séria, que precisa ser mais discutida. Estamos vivendo uma mudança de paradigmas na educação infantil, que sempre foi vista como lugar para criança brincar. A ideia antiga era de que era preciso abrir escola de educação infantil porque as mães precisavam trabalhar e ter onde deixar as crianças. Ora, não é isso que é educação infantil, e a gente está exatamente nessa fase de mudança, de definir a educação infantil como uma fase da escolarização da criança. Além disso, os professores estão precisando saber mais sobre esse assunto: como é que você trabalha com o livro com uma criança entre zero e três anos de idade? E entre quatro e cinco anos? Com o PNBE [Programa Nacional Biblioteca Escola], esses livros estão chegando às escolas. As professoras, que antes estavam acostumadas a serem "cuidadoras" de bebês, a mudarem a fralda, a darem mamadeira, agora chegam a uma biblioteca cheia de livros para crianças de zero a três anos e não sabem o que fazer com aquilo! Como é que você introduz a criança na língua escrita? O que você pode fazer para a criança se acostumar com a letra, para desenvolver consciência fonológica, para saber que a letra representa o som da língua? Tudo isso tem que ser feito na educação infantil, e parece que ninguém sabe como fazer isso ainda, e nem se deve fazê-lo.



Há cinco anos, você realiza um trabalho voluntário de acompanhamento de um grupo de professoras da rede municipal de Lagoa Santa. Por que, após tantos anos na academia, o retorno às salas de aula?

Na minha vida acadêmica inteira (que não foi curta), nunca consegui me desligar da escola, das professoras, dos meninos que têm que aprender a ler e a escrever. A minha pesquisa sempre foi voltada para isso, e a minha angústia é tentar resolver, um pouquinho que seja, o problema da escola, da aprendizagem dos alunos, da professora que não sabe o que fazer para alfabetizar... Não sei se felizmente ou infelizmente, eu herdei uma marca familiar religiosa: fui criada como protestante metodista, doutrina que deixa uma preocupação muito forte com o compromisso social, a responsabilidade social. Não consigo me desligar disso. O problema social no caso educacional me chama tanto e me impressiona tanto que eu fico querendo trabalhar é nas escolas. A minha produção acadêmica toda é dessa natureza, é ligada ao problema da escola pública, da educação pública na área de linguagem, particularmente.

Agora mesmo estou escrevendo um livro sobre métodos de alfabetização. Acho que precisa clarear um pouco essa área... É um livro sobre os fundamentos psicolinguísticos, linguísticos, cognitivos e psicológicos da aprendizagem da língua escrita. São as teorias que formam o substrato sobre o qual se constroem os métodos. Estou trabalhando esses fundamentos para deles tirar a questão dos métodos de alfabetização.

Qual é o maior aprendizado que você leva da experiência na rede municipal de Lagoa Santa?

A importância do trabalho com redes de ensino. Trabalhei a vida inteira com formação de professores e sempre me incomodou muito que eu estivesse dando aula para uma turminha de pedagogia que depois sumiria nesse mundo afora. Nesses cursos de extensão, você dá quarenta horas aula para um grupo de professoras vindas dos mais diversos lugares e, depois, elas voltam para os mais diversos lugares. Você não vê consistência no trabalho, não é uma ação que tem um efeito mais substantivo para as crianças e para as escolas. Como é que uma professora sozinha vai mudar o processo? Na melhor das hipóteses, ela muda o trabalho na sala de aula dela, mas o resto da escola continua funcionando como antes. Se você trabalha com uma rede, dá para ir a todas as escolas, conhecer todas as diretoras, conversar com elas. Isso é mais significativo do que mudar a sala de aula da fulana aqui, da ciclana ali...

Defendo aquilo que tenho chamado de formação de rede: articular a universidade com os municípios para criar uma rede que vai formar os professores. O importante é você pegar uma rede de ensino inteira e melhorá-la. Aí é um trabalho que tem substância. Não adianta nada o MEC divulgar o resultado surpreendente do IDEB [Índice de Desenvolvimento da Educação Básica] da escola tal, no interior do Ceará. Temos que nos preocupar é com o país inteiro, e o país é feito de Estados e, sobretudo, de municípios. Trabalhar em nível de rede é que pode dar futuro, mas, infelizmente, é uma coisa que esse país nunca teve coragem de fazer, que veio fazendo sempre muito lentamente.

Trechos de entrevista concedida à equipe de jornalismo do Ceale em julho de 2011. Entrevista não publicada.

As pesquisas atuais sobre alfabetização são suficientes? Têm nos ajudado a repensar o ensino?

A ciência nunca é suficiente. Ela está sempre avançando e, quanto mais avança, mais se aperfeiçoa, se amplia e, às vezes, até nega o que vinha sendo feito. Assim, em termos da transposição de pesquisas e teorias para a prática, há sempre uma defasagem. De um lado, estão os cientistas que se preocupam em investigar o processo de alfabetização e que, em geral, não têm pressa. De outro, estão os professores que se preocupam em orientar esse processo no cotidiano da sala de aula, e eles têm pressa.

De um modo geral, as pesquisas nas áreas de ciências linguísticas e da psicologia cognitiva não têm chegado ao ensino, porque os pesquisadores estão preocupados em investigar o processo cognitivo e o objeto dele, e raramente se voltam para as implicações que os resultados das pesquisas têm para o ensino. Quem tem de fazer a ponte entre a pesquisa e a prática pedagógica somos nós, que estamos formando professores.

Então, teria que haver um campo científico que investigasse isso que estamos chamando de “fazer a ponte”? O que seria esse campo?

Pesquisas sobre “a ponte” seriam – ou são – investigações sobre o que ocorre nas salas de aula em que se alfabetiza, sobre a relação que essas ocorrências têm, ou não, com resultados de pesquisas psicológicas ou linguísticas, em que medida fatores do contexto escolar e familiar interferem no processo etc. E considero que é necessário formar alfabetizadores que conheçam as pesquisas sobre o processo, não para que sejam pesquisadores em sala de aula, mas para que sejam professores reflexivos, que dominam os fundamentos científicos, para entender o processo de alfabetização da criança e intervir nele de forma adequada.

Qual a importância da continuidade num projeto de formação?

Acho que uma luta permanente na educação é manter a continuidade de projetos. Os professores terminam seu curso de graduação e vão para a sala de aula. Aí vem a rotina de sempre, e a tendência é continuar no mais cômodo, porque o tempo é pouco e é preciso dar conta das tarefas. Para que, então, mudar? Mudanças, quando ocorrem, são pontuais e passageiras. É preciso um esforço permanente para manter o projeto sempre em andamento, em aperfeiçoamento, em atualização.

Outro fator importante é a sistematicidade, que, na área da aprendizagem da língua escrita, não tem existido. A alfabetização é desenvolvida neste país por meio de atividades sem relação umas com as outras, que se sucedem de acordo com a conveniência da professora: porque os alunos gostaram muito, porque outra deu uma ideia que deu certo com os alunos dela etc. Mas o que foi feito antes da atividade e o que será feito depois dela? Como a atividade se relaciona com o processo de aprendizagem na etapa em que o aluno está? A sistematicidade e a continuidade são fundamentais.

Trechos da entrevista publicada na Revista Presença Pedagógica de setembro/outubro de 2012 (V.18 / N.107).





CRÍTICA | Osmar Fávero
Rio de Janeiro, outubro de 2012

Metamemórias-memórias: travessia de uma educadora - Magda Becker Soares. Ed. Cortez, 1990

Da longa e rica presença de Magda Soares no cenário acadêmico da educação brasileira, destaco um fato inédito e talvez único: a apresentação do memorial *Travessia (tentativa de um discurso da ideologia)*, no concurso para professora titular da Faculdade de Educação da UFMG, em 1981. Uma peça literária ímpar, transformada em livro, em 1991, pela Cortez Editora, enriquecida com esclarecimentos: *Metamemórias-memórias: travessia de uma educadora*.

Sobre o papel do memorial em um concurso de professor titular, a própria Magda explica: "Entendi que se tratava, na verdade, de fazer uma tese cujo objetivo fosse minha própria vida acadêmica; por isto não apenas descrever a minha experiência passada: tentei deixar que esta experiência falasse de si, tentei pensá-la, buscando identificar a ideologia que a informava, em cada momento passado" (p. 15, no livro).

É bem isto que se deve esperar de um professor que prepara um memorial como prova de concurso para o cargo de professor titular, último degrau da carreira acadêmica. Mas, salvo engano, Magda foi a primeira e talvez a única a fazê-lo, na área de educação. E o fez magistralmente. Inaugurou. Criou estilo.

Em primeiro lugar, pela segura abordagem teórica. Assume conceitos fundamentais de história e memória. Em segundo, pela rica metáfora do "risco no bordado", tomada por empréstimo de Autran Dourado, que, por sua vez, parte de um dito mineiro: "Feito dizem: é Deus quem sabe por inteiro o risco do bordado... O risco não é a gente que traça." Mas, para procurar o risco do seu bordado, Magda completa: "O risco é de Deus, mas o bordado é nosso" (p. 29). Marilena Chauí é chamada para entender o caminho percorrido: "Um discurso da ideologia" (cap.5) e apoiada também em Thiago de Mello (*Faz escuro mas eu canto*), Magda escreve: "Assim? O caminho, a travessia: re-fazer o passado pelo discurso de sua ideologia. Ou seja: não procuro conhecer o meu passado, procuro pensar o meu passado; não busco o que vivi, busco perceber o que estava pensando, quando vivi" (p. 15). Ainda no plano teórico, para entender as descontinuidades e rupturas de sua vida acadêmica, apoia-se em Bachelard (*Epistemologia*) e Khun (*A estrutura das revoluções científicas*): o risco do bordado não se faz no plano, as interrupções não são cortes bruscos de linhas que se interrompem, mas um traçado em espiral, um risco em espiral (p. 34-35).

Em terceiro lugar, resalto o estilo cuidadoso e elegante. É prazeroso ler, nas epígrafes e ao longo do texto, as muitas citações de nossos romancistas e poetas, reforçando a argumentação e "iluminando" o texto acadêmico.



Poesia completa e prosa - Manuel Bandeira. Ed. Nova Aguilar, 2009. A obra é uma antologia de toda a produção textual de Manuel Bandeira publicada entre 1917 e 1966. Inclui crônicas, críticas literárias e homenagens a outros autores, além de uma iconografia de seus trabalhos poéticos e em prosa. Na reunião das poesias do livro "Mafuá do malungo", em que o escritor homenageia mulheres pelas quais se apaixonou, há uma poesia dedicada a Magda Soares. No "Poema das duas Magdas", o poeta expressa sua admiração pela amiga, por quem "bebe os ares".

POEMA DE DUAS MAGDAS

Uma é Magda Becker Soares;
A outra Magda Araújo.
Ah vida de caramujo
A minha,
Em que entram moças aos pares,
Mais noivas do que conzinha!
Se por uma bebo os ares
- E essa é Magda Becker Soares -
Por sua xará babujo
- Scilicet Magda Araújo.



Gente - Fernando Sabino. Ed. Record, v.2, 1975. A obra é uma coletânea das melhores crônicas escritas por Fernando Sabino no *Jornal do Brasil*, entre abril de 1973 e dezembro de 1974. Em um dos trabalhos selecionados, "A última flor do Lácio", Sabino elogia a maneira como Magda Soares atrela o ensino da leitura e da língua escrita ao prazer, para despertar o interesse dos alunos. A partir de um paralelo que estabelece entre seus anos de colégio, sua experiência como professor de português no Ensino Fundamental e sua presença como expectador em uma aula de Magda, Sabino defende a linha metodológica "moderna" proposta por Magda propõe, explicitando a ineficácia dos métodos de ensino tradicionais.



Guia da Alfabetização - Ed. Segmento, v.1, 2010. Edição especial da Revista Educação, o Guia da Alfabetização homenageou os 20 anos do Ceale trazendo um conjunto de artigos sobre questões centrais para a área da alfabetização. Magda Soares foi a convidada especial da edição e, em entrevista, falou principalmente sobre a noção de letramento, campo em que é a maior referência nacional. A educadora também discutiu práticas que poderiam levar a uma melhoria da educação: o contato das crianças com literatura infantil, a necessidade constante de adaptação dos livros didáticos de alfabetização às novas correntes de aprendizado e a formação específica para professores alfabetizadores.

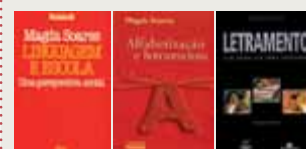


Guia da Alfabetização - Ed. Segmento, v.2, 2010. A segunda edição temática da Revista Educação complementou as questões debatidas no número anterior, além de ter trazido discussões mais contemporâneas sobre os novos paradigmas do campo da alfabetização. Novamente, a revista contou com a colaboração de Magda Soares, desta vez como autora de um texto. Na reportagem "Alfabetização e literatura", a pesquisadora fala sobre os benefícios da leitura literária para crianças, por atrelar os processos de alfabetização e letramento ao prazer da leitura, descreve as características dos bons livros literários infantis e explica como são as obras adequadas para cada idade e para cada fase da alfabetização.



Alfabetização no Brasil: uma história de sua história - Maria do Rosário Longo Mortatti (org.). Ed. Cultura Acadêmica, 2011. A obra é baseada nas discussões do I SIHELE (Seminário Internacional sobre a História do Ensino de Leitura e Escrita). As contribuições de Magda Soares ganharam um capítulo exclusivo, escrito por Maria do Rosário Mortatti e Fernando Rodrigues de Oliveira. Os autores apresentam a trajetória pessoal e profissional de Magda e expõem a relevância de sua produção intelectual para o campo da Educação. Magda Soares também participa do livro como colaboradora. Em tom pessoal e intimista, ela conta um pouco de "sua história com a história da alfabetização no Brasil".

O TEMA É



Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social.
1ª ed. São Paulo: Ática, 1986. 95 p.

Letramento: um tema em três gêneros.
1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 190 p.

Alfabetização e Letramento.
1ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. 124p.